



BEIRA RIO BEIRA VIDA

Assis Brasil

I-RESUMO BIOGRÁFICO:

Francisco de Assis Almeida Brasil (1932) é de Parnaíba, onde fez seus primeiros estudos. Depois reside em Fortaleza, colaborando em vários jornais. Por esse tempo publica sua obra de estréia **Aventura no Mar** (Verdes mares bravios), 1953, obra infanto-juvenil. Autor de extensa e variada obra: romancista, contista, novelista, crítico, ensaísta, jornalista, professor, organizador de antologias, historiador, dicionarista. Vive exclusivamente da profissão de escritor. É respeitado e reconhecido nacionalmente pela ousadia de enfrentar e superar o estigma de quem escreve para viver. Este teimoso escritor já conta 111 títulos de obras as mais variadas. É um autor multifacetado. Um polígrafo dentro do modernismo brasileiro (terceiro momento). No Piauí, a crítica o estuda como um vanguardista pela sua refinada e inovadora técnica de narrar. É um nome nacional que não perdeu o vínculo com a terra e sua gente. É o Piauí por dentro e por fora nas páginas críticas da famosa **Tetralogia Piauiense** que tem o Rio Parnaíba como um grande personagem de sua obra.



II- OBRA:

1. Romances:

○ **Tetralogia Piauiense**

- . **BEIRA RIO BEIRA VIDA** (1965, Prêmio Nacional Walmap);
- . *A Filha do Meio Quilo*;
- . *O Salto do Cavalador* (O caboclo e a Cigana) (1966)
- . *Pacamão* (1969).

○ **Ciclo do Terror:**

- . *Os Que Bebem como os Cães* (1975, Prêmio Nacional Walmap);
- . *O Aprendizado da Morte* (1976)
- . *Deus, Sol, Shakespeare* (1978)
- . *Os Crocodilos* (1980)

○ **Quarteto de Copacabana:**

- . *O Destino da Carne*;
- . *Sodoma Está Velha*;
- . *O Prestígio do Diabo*.



○ **Romances históricos:**

- . *Nassau: Sangue e Amor nos Trópicos;*
- . *Villegagnon, Paixão e Guerra na Guanabara;*
- . *Jovita: Missão Trágica no Paraguai;*
- . *Tiradentes, poder oculto o livrou da força.*

2. Contos

- . *Contos do Cotidiano Triste (1955);*
- . *A Vida Não é Real (1975)*
- . *Histórias do Rio Encantado*

3. Novelas:

- . *O Livro de Judas;*
- . *Ulisses, o Sacrifício dos mortos;*
- . *A volta do herói;*
- . *A rebelião dos mortos;*
- . *Tiúba, a mestiça.*

4. Infanto-Juvenil:

- . *Aventura no mar*
- . *O primeiro amor;*
- . *O velho feiticeiro;*
- . *A viagem proibida;*
- . *Tônico e Carniça;*
- . *Zé Carrapeta, o guia do cego;*
- . *Contatos imediatos dos besouros astronautas, etc*

5. Ensaios e Críticas:

- . *Cinema e Literatura*
- . *Graciliano Ramos*
- . *Adonias Filho;*
- . *Guimarães Rosa;*
- . *Clarice Lispector;*
- . *Carlos Drummond de Andrade;*
- . *A Nova Literatura (o romance)*
- . *A técnica da ficção moderna;*
- . *Teoria e prática da crítica literária*

5.1. Trilogia Teocrática:

- . *Jeová dentro do judaísmo e do Cristianismo*
- . *A vida pré-humana de Jesus/o mistério da imortalidade*
- . *Apocalipse/a espécie terminal (obra de número 111)*



III-INTRODUÇÃO:

O destaque principal de sua vasta obra é para a TETRALOGIA PIAUIENSE e para o CICLO DO TERROR. Em ambos os ciclos, Assis Brasil conquistou prêmios e distinções.

A Tetralogia Piauiense é assim defendida por ele: "**A idéia da Tetralogia nasceu de uma necessidade urgente de voltar às minhas raízes telúricas, e a experiência de vida, principalmente a infância, foi a matéria-prima para o levantamento de um mundo ficcional**".

Beira Rio Beira Vida focaliza o drama das prostitutas da beira do cais. É um romance social, documental; de denúncia. Luíza é a principal personagem, além de Mundoca, Cremilda, Nuno, Jessé. Romance inovador quanto à técnica: perdura a dimensão dramática dos personagens. **Arrebatou o Prêmio Walmap de 1965.** É o primeiro livro de uma série ambientados no Piauí. Neste romance, vamos encontrar a periferia da cidade, na lembrança do escritor. É um romance construído de reminiscências.

A Filha do Meio Quilo é o segundo romance da Tetralogia. O autor focaliza a pequena cidade pelo viés paroquial e provinciano. Cota, ou dona Cota ou Cotinha, ou "a filha do meio quilo" é a vítima da hipocrisia social, do falso moralismo da sociedade conservadora e tradicional. Aqui o universo é mais amplo. O painel social é mais abrangente em virtude das intenções sociais, psicológicas e dramáticas. É a província brasileira em foco.

A personagem tem dupla intenção: a Cota verdadeira, autêntica e a Cota louca veiculada pela cidade desde a morte de Tomás, o primeiro marido de Cota: a trama é o mistério dessa morte. A cidade toda especula, e esquadriha a vida de Cota e suas filha de criação.



IV- COMENTÁRIOS:

Romance social, urbano e suburbano que focaliza a condição da vida marginal das prostitutas da beira do cais, em Parnaíba. Foge à estrutura usual; é um romance em que a dimensão dramática perdura. Não há preocupação com o foco narrativo e o tempo. A técnica é original e incomum.

O texto é um cruzamento de vozes como a de Luísa que fala de si mesma; da Cremilda; da Mundoca; de Jessé; de Nuno, rememorando o passado com suas reminiscências faz brotar os outros personagens de forma viva. O foco revela essas vozes em 1ª e 3ª pessoas (narrador observador) como numa peça de teatro.

Estou usando a caracterização dos Personagens feita pelo Prof. CINEAS SANTOS por me parecer mais adequada:

- LUIZA: prostituta velha, senil, nascida e criada no cais. Vive ruminando fragmentos do passado, "conversando" com a boneca Ceci, com a filha Mundoca ou com os seus fantasmas. Como bem a definiu Fausto Cunha, é uma espécie de "barro original", uma vez que é a partir dela, das suas reminiscências, que "nascem" os outros personagens.

- CREMILDA: mãe de Luíza, prostituta esperta, vaidosa, ambiciosa, e, às vezes cruel. Tenta vãmente romper as amarras que a prendem ao cais e à prostituição. Depois de "herdar" um armazém arruinado do velho Santana, torna-se "empresária" e tenta estabelecer-se na cidade como "gente de bem". Enganada por um amante, perde tudo: a usina de beneficiar arroz, o armazém, a vaidade. Morre enganada, sozinha, num barrão de madeira no cais.

- MUNDOCA: filha de Luíza. Feia, obtusa, sobrevive trabalhando na loja do padrinho, Jacinto, na cidade devido à feiúra e ao desinteresse pelos homens, vai escapando, fugindo à sina da família: a prostituição. Quase não fala e, quando o faz, é para mandar a própria mãe para o inferno.

- JESSÉ: meio-irmão de Luíza. Criado por Cremilda no armazém, acreditava na possibilidade de "vencer na vida", sair do cais estabelecer-se na cidade como comerciante. Torna-se embarcadiço, corre o mundo e acaba morto num incêndio que consome uma barcaça carregada de algodão. Uma vez estabelecido na cidade, tencionava tirar Luíza da "vida", torná-la uma senhora respeitável.

- NUNO: primeiro homem de Luíza, seu único amor. Aventureiro, corria o mundo, temia envelhecer, torna-se inútil. Um dia desapareceu para não mais retomar.

- JACINTO: padrinho e "protetor" de Mundoca. Apesar da feiúra e obtusidade da afilhada, tenta seduzi-la, prometendo-lhe uma "casa montada".

BEIRA RIO BEIRA VIDA - A CONSCIÊNCIA DO AUTÊNTICO (Texto crítico de FAUSTO CUNHA)

"Li Beira Rio Beira Vida há oito anos, quando tinha outro título e, embora já fosse um excelente trabalho, estava longe da atual cristalização criadora. Eu próprio não acreditava que ele se convertesse no grande romance que veio a ser. Não porque julgasse o autor incapaz de transformar sua obra, e menos ainda porque duvidasse da nobreza de seu material: é que dificilmente um ardor reestrutura livros concluídos, sobretudo no Brasil, onde o acesso editorial é tão precário. O romance fica num passado cada vez mais distante, o escritor perde as vivências originais; não se enriquece um livro estagnado. Os livros longamente trabalhados, se às vezes ficam mais perfeitos, também vão ficando cada vez mais frios. No caso de Assis Brasil, ele teve de enfrentar o desgaste - quase diria a auto-esterilização - da atividade crítica. E se afinal resultasse tudo num simples romance de crítico?"

BEIRA RIO BEIRA VIDA causa um impacto pela sua qualidade. Tem inclusive uma virtude cada vez mais rara na ficção moderna: a humildade criadora. Assis Brasil não impõe a seus personagens as regras do jogo. O romance não foi escrito para manter uma condição de ficcionistas – como, infelizmente, é cada vez mais comum na literatura brasileira contemporânea - nem para seguir certas modas de momento.

É um romance fácil? De certa maneira, é um romance de leitura extremamente fácil. Vencidas as primeiras dez ou vinte páginas (onde se encontram alguns dos momentos mais belos da atual ficção brasileira),



COLÉGIO PRO CAMPUS – A PAZ ESTÁ NA BOA EDUCAÇÃO – COMENTÁRIOS DE OBRAS UFPI

o leitor segue naturalmente, quase como se estivesse lendo uma peça teatral. Mas o que é então que dificulta (para alguns) a tomada inicial de contacto com o livro?

Em primeiro lugar, porque se trata de um grande romance - e nem sempre o leitor se acha preparado para ler um grande romance. O grande romance tem suas leis próprias. É fácil aceitá-las quando o autor se chama Joyce e o livro é o terrível *Ulysses*.

Em segundo lugar, porque Assis Brasil não se submeteu ao narrativo puro e simples, ao anedótico. Não pretendia contar, como observador privilegiado, a história de vidas que não a sua. Partiu para o romance com uma aguçada consciência criadora, mais ainda, com a consciência do autêntico. Era necessário que os personagens vivessem por si sós, como se não fossem personagens. Desde a primeira página, a criação se opera quase em estado de realidade - daí o uso abundante do diálogo, do diálogo direto e do diálogo indireto, do monólogo e do eco dos monólogos. O processo foi extremamente difícil (e perigoso para o romancista), mas permite que o leitor penetre profundamente no mundo das prostitutas de beira do rio, em Parnaíba.

Não comete Assis Brasil o erro tão freqüente de nossos contistas e romancistas, que invadem o mundo-próprio de seus personagens que ficam pulando da cabeça de um personagem para outro como se fossem, pequenos funambulescos. À primeira vista, e pelos resultados, parece uma fórmula fácil. Todavia, o primeiro passo o levaria o romance, e o romancista, perambeira abaixo. *Beira Rio Beira Vida* se sustenta em suas próprias vigas sem estremecimentos, os personagens não são empurrados para dentro das páginas como chumaços de algodão.

Mas esse diálogo não é tão inocente como pode parecer ao leitor desatento, nem se trata de mero recurso estrutural. Lembremo-nos de que o romance de reivindicação social, sobretudo o romance comunista russo, fazia uso largo do diálogo popular. Ainda hoje, os escritores russos partem para os grandes discursos. Além do que há de direto no diálogo (e, é claro, no discurso), existe o fator expressionístico, e *Beira Rio Beira Vida* vive menos de seus diálogos do que dos silêncios e das pausas - dos vazios em torno dos diálogos.

É uma ironia que, numa época em que tantos poetas e ensaístas brasileiros se arrogaram a formulação de uma literatura popular e de revolta, seja *Beira Rio Beira Vida* o único livro autêntico dentro dessa ordem de idéias. O diálogo direto, a linguagem alusiva, a miséria vista pelos miseráveis e não pelos seus patronos intelectuais.

É o retrato insolúvel duma comunidade sufocada pelo primitivismo capitalista, um mundo em que a sociedade se estratificou implacavelmente, onde as prostitutas são prostitutas, os pobres são pobres, os ricos são ricos - quase a revelia do eventual saldo financeiro. Não existem vasos comunicantes. Quem quiser realizar-se, terá de fugir, terá de ir para fora. As dobradiças do sistema estão, porém, de tal modo enferrujadas que a fuga é praticamente impossível. O personagem Jessé - sofrido e patético - alimenta a quimera de uma ruptura com o meio, e é por ele destruído. O rio pertence aos ricos, as casas pertencem aos ricos, a religião pertence aos ricos. Os descontentes podem sumir simplesmente daquele cenário imutável; mas se não souberem, como Jessé, fugir à atração atávica do lugar de origem, serão consumidos no fogo de sua nulidade social. Não é com o dinheiro largado pelos homens que a rameira Cremilda - uma das figuras soberbas da nova ficção brasileira penetrará na sociedade. Num mundo de horizontes compactamente fechados, a miséria passa de pai a filho, de mãe a filha, quem conscientizar a sua desgraça vai sofrer em dobro. Mais uma vez *Beira Rio Beira Vida* é um livro oportuno, porque aparece no momento em que o nosso país sofre a mais brutal pressão capitalista de sua história, em que de todos os lados o povo vê fecharem-se as janelas da respiração econômica. Entramos num processo de nivelamento por baixo, em que os de baixo serão ainda mais esmagados. As borboletas brancas, como no livro de Assis Brasil, são vendidas a quilo para alimentar os peixinhos da outra Grécia. Elas se erguem com uma ilusão de liberdade, apenas para se tornarem mais visíveis e vulneráveis.

Há em **BEIRA RIO BEIRA VIDA** essa declarada reivindicação social? Sem dúvida. O livro é construído como um desses grandes espelhos que se constituem de pequenos retângulos - e por isso refletem melhor. Perto do final do romance, o autor - por inadvertência ou por desconfiar um pouco da visão de conjunto do leitor - quase entra em casa, a fim de dar idéia da passagem do tempo e completar o quadro da transição social. Vejo aí uma das raras falhas do romance do ponto de vista estrutural. É verdade que isso não afeta a economia do livro e até "ganha tempo" para o leitor.

BEIRA RIO BEIRA VIDA tem várias características admiráveis. Em primeiro lugar, aquilo que certa vez Adolfo Casais Monteiro, a propósito do romancista português Soeiro Pereira Gomes, chamou "a qualidade de seus personagens", aquela mistura de poesia e vida. A velha Cremilda, toda construída a partir das reminiscências diafogais de sua filha Luíza, é, do ponto de vista literário e humano, uma criação magistral.

COLÉGIO PRO CAMPUS – A PAZ ESTÁ NA BOA EDUCAÇÃO – COMENTÁRIOS DE OBRAS UFPI

Seus diálogos com Jessé têm uma autenticidade pungente. Jessé é a segunda figura do livro, Jessé que espera o milagre de salvar-se com o pequeno dinheiro, com os níqueis, numa sociedade que simplesmente o ignora. Luíza é uma espécie de barro original, a partir do qual são formados os outros personagens. Seu sonho, sua luta, é a evasão pelo amor, num meio em que o amor tem câmbio específico. Realiza-se vicariamente através da boneca Ceci ("personagem" às vezes demasiado literária em seu simbolismo ostensivo) e não percebe que de certa maneira venceu ao não conseguir passar a tocha da degradação à sua filha. Mundoca não sai do limbo criador - como se estivesse fora do foco do romancista. É apenas o elo quebrado de uma cadeia. Nela se conclui o processo através do qual uma sociedade petrificada elimina as sementes inúteis. Outra qualidade do livro é a perfeita transição dialogal de Luíza para Cremilda e vice-versa, de forma que o romance vai tomando forma como uma construção redonda e cuidadosa - que se fecha na última página, repetida na primeira. As cenas são quase sempre descritas indiretamente (por vezes de forma alusiva), sem obediência ao tempo cronológico. Nem por isso perdem o impacto: sirva de exemplo o incêndio do navio-gaiola em que morre Jessé. As cenas em que aparece Cremilda têm um impulso próprio - um andamento algo frenético. Lembro a da venda do armazém, na qual Assis Brasil nos dá magistralmente o detalhe da primeira menstruação de Luíza. Só essa página consagraria um escritor.

O tratamento da linguagem foi outra vitória de Assis Brasil. O livro tem uma grande riqueza de finuras verbais e estilísticas, algumas das quais talvez escapem ao leitor não familiarizado com o falar nordestino. O que muitas vezes pode parecer ingênuo é, no entanto, a visão autêntica do mundo subsensível da personagem Luíza.